

16

| QUARTA · 21h30
TEATRO DA POLITÉCNICA

O Arranca-corações

Um ambiente frio, gélido, um laboratório, uma cozinha sem cozinheiro, onde eles esperam, onde o seu coração lateja com força, esperando ser arrancado num segundo. Lutam defendendo o seu coração, tentando impedir que o seu peito seja atravessado pelo arranca-corações. Ele espera pelo próximo coração, espera calmamente, que ela lhe entregue docemente o próximo, ela que extirpa de cada coração as suas paixões, os seus desejos... A carne fresca dos corações roubados ainda latejante de paixões perdidas e de desejos inumanos, está na frigideira. O arranca-corações voltou a roubar um coração fresco...

A autora | A encenadora | **Susana Vidal** (Espanha, 1975)

A actriz e encenadora Susana Vidal é licenciada em Belas Artes e fez um doutoramento em Artes Cénicas na Universidade de Castilla La-Mancha, Cuenca. Usou bolsas de estudo em Itália, Brasil e Portugal, que utilizou para investigar e investir na formação em Teatro - Dança. Em Portugal, teve formação com Jean Paul Bucchieri e João Fiadeiro. Como actriz de teatro trabalhou com Miguel Moreira, João Brites e Alberto Lopes e no cinema colaborou com José Nascimento e Raquel Freire. Desde 1995, como encenadora, tem apresentado espectáculos de cariz profissional, no Festival X e Citemor e em espaços como a ZBD, o CCB, entre outros. Tem desenvolvido espectáculos de âmbito universitário, com os actores do GTIST, definindo uma linha estética identificadora do grupo.

Susana Vidal é autora de outros textos teatrais, encenados pela própria, tais como *Amor Crudo* (2005) e *Vertigens* (2005). O texto de *O Arranca-corações* foi escrito a partir de textos da obra de Boris Vian, utilizados aqui para a construção da dramaturgia do espectáculo: *J'irai cracher sur vos tombes*, (Hei-de Cuspir-vos na Sepultura), de 1946, *Elles ne se rendent pas compte*, (Elas não se apercebem) e *Les morts ont tous la même peau*, publicados sob o pseudónimo Vernon Sullivan; *L'automne à Pékin* (O Outono em Pequim), *L'écume des Jours* (A Espuma dos Dias); *Et on tuera les affreux*, (Morte aos feios), *Les fourmis*, (As formigas), *L'herbe rouge* (A erva vermelha) e *L'Arrache-Coeur* (O Arranca-Corações), de 1953.

O grupo | **GTIST** (Lisboa, 1960)

O Grupo de Teatro do Instituto Superior Técnico (GTIST) teve uma importância fundamental no movimento académico nos anos 60, extinguindo-se, no entanto cerca de uma década depois. Ressurge, em 1992, tendo, desde então, uma actividade permanente de pesquisa e desenvolvimento na área da prática teatral, organizando e promovendo cursos de formação. O trabalho assenta na realização de peças cuja produção é feita pelos seus membros, em colaboração com encenadores profissionais. Os resultados são espectáculos como *Woyzeck* e *A História de Tobias*, encenados por Pedro Matos; *Claustrocidade* e *Para acabar de vez com a cultura*, encenados respectivamente por Hugo Lopes e Gonçalo Amorim. *A velocidade de um sussurro*, de Susana Vidal, foi considerada a melhor peça estrangeira nos *Rencontres Théâtrales de Lyon*, em 2003. O GTIST tem participado em vários festivais e encontros teatrais e em quase todas as edições do FATAL. Ganhou o **Prémio FATAL** para o melhor Espectáculo, no FATAL 2006.

Tertúlia

A seguir ao espectáculo, no bar do teatro. O público à conversa com actores encenadores e convidados especiais.

CONVIDADOS ESPECIAIS

Carmo Romão
Isabel Montellano

FICHA TÉCNICA **Interpretação** André Ferreira, Bárbara Santana, Catarina Vasconcelos, Fernando Marques, João Manso, Pedro Moura, Rui Neto, Sandra Oliveira, Vanda Almeida, Xana Shulman, Youri Ivanovsky | **Composição musical e Operação de Som** Henrique Santos | **Espaço Cénico e Desenho de Luz** Susana Vidal | **Equipa técnica** Susana Vidal, Miguel Shulman, Henrique Santos, com a colaboração especial de Eric Costa | **Responsável Técnico** Susana Vidal | **Desenho Gráfico e Divulgação** André Ferreira, Catarina Vasconcelos | **Fotografias e Divulgação** Henrique Santos, Eric Costa | **Produção** GTIST | **Responsável de Produção** Vanda Almeida | **Coordenação** GTIST Xana Shulman



Processo Criativo

“Tentei contar às pessoas umas histórias que elas nunca tivessem ouvido contar. Parvoíce pura, parvoíce dupla - só gostam do que já conhecem.” Boris Vian

O Arranca-corações é um trabalho extremo e complexo de composição, em que os corpos desenham um imaginário perturbador, onde os espaços sonoros, olfactivos e visuais do espectáculo se concentram e pretendem provocar a emoção extrema do espectador e alterar com a persistência das acções a sua visão e audição até ao limite. Através da multiplicação dos referentes, das associações, da acumulação de ângulos de visão, da sonoridade cénica, dos desdobramentos da voz e da acção dos actores, queremos aproximar-nos do tempo real. Fazer desaparecer os elementos estilizados para que apareça mais a realidade física, através de personagens em que o pensamento vá por dentro das suas carnes, um teatro onde os intérpretes não imitam ou recriam personagens, mas onde os intérpretes sentem na sua pele o medo, o amor, a violência, a morte, a emoção da liberdade e da perda desta. Não queremos contar uma história, nem dizer os textos de Boris Vian, queremos mergulhar no seu imaginário, no imaginário dos seus textos, como ele fazia: Boris Vian não seguia as regras do “contador de histórias”. Escrevia o que lhe apetecia, quando lhe apetecia e porque lhe apetecia. A escrita para este espectáculo é um impulso que nos leva a universos absurdos e com ela queremos ir aos extremos, do hilariante ao cúmulo da náusea, do fundo do romântico ao pico do sexual e do perverso.

As ideias despontam a cada linha, os diálogos, com ou sem nexos, surgem sem deixar qualquer tipo de consequência. As vozes dos actores em uníssono, como um coro que espreita e comenta a acção, que critica, ama e odeia as pessoas que habitam o espaço cénico. Existem componentes tão “extravagantes” como a sensibilidade ou o romantismo, numa deliciosa desconstrução das relações sociais, onde o exercício do poder é gratuito e o bom senso e a honestidade são menosprezados, a burocracia é frequentemente aludida e as ideologias ocas transparecem dos diálogos, tornando-os absurdos. Queremos mostrar o absurdo que os homens e as mulheres podem chegar a ser. Queremos falar da honestidade, da sociedade rotineira e das emoções. Queremos voltar a emocionar os outros e nós próprios com este projecto, queremos voltar a cara ao coração, e arrancá-lo para pensar naquilo que somos ou naquilo que queremos que sejamos. Convidar o público a entrar na nossa aldeia: «Esta é a nossa aldeia...de dia está escuro...de noite o sol ilumina a sua única rua...a nossa aldeia por excesso...ou por defeito...não tem...não sabe...não diz...não trabalha...não produz...não ama...não quer...esta é a nossa aldeia...a nossa aldeia...não tem vergonhas...a nossa aldeia...uma calma súbita...aparece...e desaparece...na nossa aldeia...se sonha...se ama...a nossa aldeia tenta...emocionar-se...mas...a nossa aldeia tem as armas...armas úteis para viver...e elas...são...na nossa aldeia...um suculento pedaço de carne...ou a lembrança dele...na nossa aldeia...temos a tendência...o mau hábito...de nos emocionar...» ✎ *Susana Vidal*